

DERRIDA LEITOR DE NIETZSCHE: IMPACTOS PARA A LITERATURA EM CAMPO EXPANDIDO¹

Alexandre de Oliveira Fernandes²

Resumo: Utilizo como texto de partida a escrita do filósofo francomagrebino, Jacques Derrida, em *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Exploro porosidades entre literatura e filosofia, passando por metáforas náuticas e, em torno de um véu e de um guarda-chuvas esquecido, defendo que um significante, a “mulher”, pode ser lido como um nome de uma não-verdade da verdade e não sua verdade. Que isto pode implicar para a literatura em campo expandido? Aponta para linhas de fuga em relação a certa ideia positivista de literatura, coloca sob rasura distinções binárias e modos mecânicos de leitura, colabora para a desconstrução do mito comunicacional e a exegese do sentido último. Exige outra corporeidade, outra formação de subjetividade, haja vista que o sujeito não é autônomo, as experiências são complexas e apontam para restos, uma sobra, a incerteza de saber. O que é a verdade, a mulher? Que significa um “eu esqueci meu guarda-chuva”, palavras, sozinhas, entre aspas, encontradas em fragmentos inéditos de Nietzsche? Uma citação, talvez. Um aforismo? Que quer dizer quando retirado de alguma parte de qual texto? Qual o sentido e o contexto desse enunciado? Por um lado, nunca estaremos seguros de o saber, porque algo resta como rastro e abala a hermenêutica supostamente segura de seu horizonte; por outro, convalida ser a literatura [em campo expandido] a coisa mais interessante do mundo, um certo lugar que nos convida a rasurar a tradição, um lugar em que tudo se pode dizer.

Palavras – chave: Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, Literatura em campo expandido.

DERRIDA READING NIETZSCHE: IMPACTS FOR LITERATURE IN CAMPO EXPANDED FIELD

346

Abstract: I use as a starting text the writing of the Maghreb- French philosopher, Jacques Derrida, in *Spurs: Nietzsche’s Styles*. I explore porosities between literature and philosophy, going through nautical metaphors and around a veil and a forgotten umbrella, I argue that a signifier, the “woman”, can be read as a name of a non-truth of truth and not your truth. What might this imply for literature in an expanded field? It points to escape lines in relation to a certain positivist idea of literature, it erases binary distinctions and mechanical modes of reading, it contributes to the deconstruction of the communicational myth and the exegesis of the ultimate meaning. It requires another corporeality, another formation of subjectivity, given that the subject is not autonomous, the experiences are complex and point to remains, a surplus, the uncertainty of knowing. What is the truth, the woman? What does “I forgot my umbrella” mean, words alone, in quotation marks, found in unpublished fragments of Nietzsche? A quote, perhaps. An aphorism? What does it mean when taken from some part of which text? What is the meaning and context of this statement? On the one hand, we will never be sure of knowing it, because something remains as a trace and shakes the supposedly secure hermeneutics of its horizon. On the other hand, it confirms that literature [in an expanded field] is the most interesting thing in the world, a certain place that invites us to erase tradition, a place where everything can be said.

Keywords: Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, Literature in an expanded field.

¹ Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA. Desde 2017 é professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC/UESB/Jequié. Em 2018 iniciou atividades como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnicas - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>. E-mail: alexandre.pro@gmail.com.

1. Lendo Derrida, um véu e um guarda-chuva (não) esquecido

Permitindo-me aqui, neste momento, um começo, um certo começo, ou seja, à luz daquilo que as coisas se reúnem em um todo, se consignam ou se arquivam, como poderia dizer, tornando-se então pensáveis, explicáveis, legíveis, significativas, inteligíveis (Estrada, 2010), informo que no presente artigo, trabalho com *Esporas: os estilos de Nietzsche* (Derrida, 2013), traduzido por Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues, publicado por Nau editora³, buscando apreender implicações possíveis para a literatura em campo expandido.

Tal objetivo me leva a explorar porosidades entre literatura e filosofia; apontar para linhas de fuga em relação a certa ideia positivista de literatura, crítica literária e cânone (especialmente ligada à substancialização de instancias metafísicas); colaborar para a desconstrução⁴ do mito comunicacional e a exegese do sentido último, pois, ao tratar de aforismos de Nietzsche e de seus estilos, Derrida evoca novos modos de ler e rasura regimes estanques de autoria e essencialismos.

Por outro lado, ao promover discussões em torno de um véu – “peça do vestuário feminino que aparece nas metáforas de Nietzsche como aquilo que oculta⁵” – e de um guarda-chuva esquecido, à medida que um significante, a “mulher”, será lido como um nome de uma não-verdade da verdade e não sua verdade, uma série de perfurações nas convenções que têm definido a especificidade literária, figura linhas de resistência em relação a paradigmas e

³ Empresa com mais de 200 títulos publicados, em áreas como filosofia, história, psicologia, psicanálise, antropologia e educação, em seu acervo, é possível encontrar “Espectros de Derrida”, organizado por Paulo César Duque-Estrada (2008), “Esporas: os estilos de Nietzsche”, texto de Jacques Derrida (2013), Heranças de Derrida (vol. 1): da ética à política (Haddock-Lobo et al., 2014), Heranças de derrida (vol. 2): da linguagem à estética (Haddock-Lobo et al, Org., 2014), Heranças de Derrida (vol. 3) – da filosofia ao direito (Haddock-Lobo et al, 2014).

⁴ Em 2018, o professor Vladimir Safatle promoveu na Universidade do Estado de São Paulo, curso intitulado “Jacques Derrida: em direção à desconstrução”. Em resumo e apropriação livre, compreende a desconstrução derridiana do seguinte modo: uma prática de leitura que nasceu da confrontação com textos da tradição filosófica (Husserl, Heidegger, Rousseau, Hegel, Nietzsche) e com textos das ciências humanas (linguística, antropologia, psicanálise) e da literatura; trata-se da recusa do modo dominante de leitura de textos filosóficos e literários; daí forçar a sistematicidade do discurso filosófico-literário a deparar-se continuamente com seus limites e misturar-se com aquilo que lhe é estranho; lega relevância filosófica aos espaços em branco, aos não-ditos, às resistências e às elisões necessárias à instauração de todo discurso fundador; trata-se de comparar um texto com ele mesmo, mostrar como, nele, trabalham questões que um autor mobiliza sem o saber (já que ele é muito mais um *suporte* do que um *agente* destas questões); a exterioridade de um texto, aquilo com o qual será confrontado, está *desde já* inscrita no próprio texto, logo, não há nada fora do texto. Encontra-se o referido curso em: <https://filosofia.fflch.usp.br/aulas-e-textos-de-apoio-graduacao-2o-semester-de-2018> Acesso em: 01 de julho de 2024.

⁵ Deve-se conferir nota dos tradutores (Derrida, 2013, p. 23).

especificidades do literário. Tais linhas de escape são uma *différance*⁶ que apaga ou desloca fronteiras. Figuram uma tomada de posição em relação às estruturas, colocam sob suspeita e em suspenso toda autoridade da linguagem.

Eneida Maria de Souza (1998) já fez críticas aos lugares por onde passa o conhecimento, convidando-nos a rever preconceitos relativos a hierarquias como “erudito” e “popular”; e a rasurar o conceito moderno de teoria literária, qual seja, o princípio de literariedade em sua corrente formalista. Para a professora, a interdisciplinaridade, os estudos pós-estruturalistas, as teorias da multiplicidade e a Desconstrução, colocaram sob rasura o controle epistemológico e o caráter regulador da crítica cultural. Em outros termos, certo “gosto estético” erudito esconderia diferenças de classe e inviabilizaria a democratização da cultura. Ao invés de uma posição conservadora do cânone, a advogar uma tradição e uma prática teórica como formas de controle, ocupada com a retomada de certos valores estéticos, Eneida Souza se interessa por respeitar pluralidades interpretativas e os estudos das minorias, se empenha em estudar textos paraliterários, correspondências, textos memorialísticos e autobiográficos, promovendo uma convivência entre cânones de referência, saber moderno e pós-moderno. Nessa cena, teoria única e binarismos não se sustentam; a verdade não se define pela exclusividade e singularidade; a interdisciplinaridade colabora para pulverizar limites dos campos teóricos. Em outros termos, trata-se de alterar caminho tranquilizador de modelo estanque e excludente pelo de conhecimento em processo.

Em entrevista – à guisa de conversa filosófico-literária – com Derek Attridge, alterando entre o inglês e o francês, Jacques Derrida (2014) responde a questões sobre “Essa estranha instituição chamada literatura”. Responde problematizando, perguntando, deslocando. Daí se utilizar de jogos de palavras como “nem, nem”; “por um lado isso, por outro aquilo”. Trata-se de um modo de lidar com a interpelação que rompe com asserções simplistas e rápidas, pois, objetiva responder seriamente, contra-assinando um texto. Sobremodo, na entrevista, rasura a pergunta metafísica “o que é?” a literatura. Ora, o espaço literário é irreduzível a qualquer ontologia. Importa uma “experiência” do literário que abala a autoridade e a pertinência da questão “o que é”. Que está fazendo Derrida nessa entrevista? Colocando em suspenso todos os regimes associados à essência e à verdade. Logo, nenhum texto será literário em si, não podendo ser a literariedade propriedade intrínseca de um qual

⁶ *Différance* “não é nenhuma diferença particular ou qualquer tipo privilegiado de diferença, mas sim uma diferencialidade primeira em função da qual tudo o que se dá só se dá, necessariamente, em um regime de diferenças (e, portanto, de relação com a alteridade)” (Duque-Estrada, 20024, p. 42).

texto ou gênero textual. Torna-se insalubre situar o literário, impossibilita-se um “local” para a literatura que não seja marcado pela agonia e pela ambivalência, local de e da tradução – intralingual, interlingual, tradução intersemiótica –, marcado por rastros, operadores textuais ao invés de conceitos. Que se tem aqui? A literatura dialogando com o mundo, uma escrita ficcional e crítica literária que não se apartam e se contaminam, uma escrita como crítica, como escritura.

Se acompanharmos Derrida (2014, p. 46), “o que me interessa ainda hoje não se chama estritamente literatura, nem filosofia”, caminharemos para uma literatura atrelada à demanda do outro, à uma literatura pensante, nos termos de Evando Nascimento (2014), a qual está atenta para relações *entre* o discurso literário e o discurso filosófico. Esse “entre” implica em diferença e não em oposição, demanda outros modos de relação com o mundo e suas múltiplas alteridades, permitindo pensar o impensável, a saber o impensado, o recalcado, as vozes da alteridade e do recalque. Infiro que a literatura à demanda do outro está sempre por vir, cujo caráter indeterminado do acontecimento aponta para aporias e incertas, negociação e contra-assinatura, “produzindo acontecimentos cuja ‘realidade’ ou duração nunca são asseguradas, mas que, por isso mesmo, dão tão mais a ‘pensar’, se isso ainda quer dizer algo” (Derrida, 2014, p. 114).

Se literatura é o lugar de dizer tudo, não há uma essência na literatura. Não há substância, há função, a saber, a da autonomia, a do direito incondicional de tudo dizer (Rodrigues, 2020) e a experiência do literário. Daí que, à medida que o literário se expande para uma “arte inespecífica” também se desconstrói sob rasura (Kiffer; Garramuño, 2014). Talvez aí esteja sua potência de vida.

Logo, a questão do estilo em Nietzsche assumida como uma tática, uma estratégia de escritura sob a forma de paródia, dissimulação, ou seja, como a forma *como se diz* aquilo que é dito, acolhe a arte do simulacro, assume o cinismo e a ironia como um *modus operandi* e, ao não apagar a *mise-en-scène* que produz interpretações de interpretações, as esporas nietzschianas atravessam um véu, mas não o rasgam apenas para ver ou produzir a coisa mesma. Antes, permite um pensamento entre derridiano e nietzscheano, um movimento de uma diferença que desloca a determinação oposicional.

Esporas: os estilos de Nietzsche (Derrida, 2013) conta com prefácio de Maria Cristina Franco Ferraz, intitulado “Esporas da Sedução”. Foi organizado em 14 capítulos, iniciando-se em “Esporas, os estilos de Nietzsche” e terminando em ““Esqueci meu guarda-chuvas”” – este último grafado entre aspas, o que causa problemas, porque, no texto que ora

digito, deverá vir entre aspas duplas, minhas, portanto, e aspas simples para identificar ao leitor que no dito original está entre aspas duplas, o que não resolve a questão porque as aspas duplas do livro não são nem de Derrida, nem da Nau Editora, senão, apontam para estilos de Nietzsche.

Editado por empresa de nome sugestivo, nome que me fascina porque aportando no Brasil via “Nau editora”, uma obra, um “*corpus* de escrita”, um nome, um autor, carrega consigo, põe em carga, efetiva, arquiva, imprime e dá vazão a metáforas estilo-marítimas: espora é esporão de um barco a vela, saliência que visa ao ataque, ponta rochosa que “rompe as ondas na entrada de um porto” (Derrida, 2013, p. 24). Em forma de esporas e estilos – sempre no plural, sempre mais de “um” –, com estilo esporeante, tais metáforas “perfura[m] tecidos, telas e véus que se vendam, que se enrolam e desenrolam ao seu redor” (Derrida, 2013, p. 25), perfuram e avançam como a espora, o esporão de um barco a vela, como um guarda-chuva, insistirei ao longo do presente artigo, não o esqueçamos.

Entre os estilos de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues e suas traduções, Nau editora, uma editora chamada “Nau”, agora e *desde já*, com seu poder arcôntico, unifica, identifica, classifica, tem poder de consignar, ou seja, reúne signos coordenando-os em um único *corpus* – que nunca é apenas um, nem homogêneo. “Nau editora” evoca leitura linear, da esquerda para a direita, de cima para baixo, do início ao fim. Isso nos lega uma impressão articular, uma impressão que articula, uma impressão escrita que escreve e promove unidade, o que sabemos, desde logo, que nunca se faz em “um” livro apenas. Daí que, ao ler um livro – suposto princípio garantidor de ordem, estabilidade, inteligibilidade, mas, desde sempre marcado por uma cisão, uma heterogeneidade, uma relação de diferenças – não se deve ignorar que sua sincronia e arquitetura estão encobertas por véus, ou encobertas por páginas e páginas de uma herança da colonialidade e da crueldade das grandes invasões, atravessadas pelas águas das matrizes culturais da diáspora negra e do brutalismo que se segue (Mbembe, 2021). E isso não se pode esquecer, ainda mais em um livro sobre os estilos de Nietzsche, no plural, “estilos”, que também são os estilos de Jacques Derrida, e da Nau Editora e dos tradutores convidados à tarefa árdua e agônica de traduzir.

Lerei, portanto, através da Nau editora, Jacques Derrida lendo um filósofo indecente e escabroso, como Friedrich Nietzsche se denominou em carta para sua amiga, Malwida von Meysenburg, feminista de destaque no século XIX. Disso o sabemos nós, através de uma carta transformada em excerto errático, um enxerto vazado por Derrida, *como se fosse um prefácio de seu estilo em suas Esporas*.

Repare-se: temos então uma carta, transformada em prefácio, mas também um aforismo que subverte “a regra da inteligibilidade, e encena uma estratégia de performance com a recepção” (Almeida, 2021, p. 227). Tudo isso em um livro crivado de aforismos tratando de aforismos de Nietzsche e de seu estilo – aforismos que solicitam “um ritmo ligeiro e esperto do pensar” (Ferraz, 2013, p. 10) –, como um possível tratado filosófico metaaforístico, isso, bem assim o seria, se não o tivesse sido escrito por Jacques Derrida, escritor tantas vezes criticado por fazer literatura e não filosofia. Esse embaralhar de gêneros textuais e áreas do conhecimento, sob a forma de um jogo lúdico e ambíguo, se dá em um livro cuja arquitetura estética e estilística está mergulhada em aforismos.

Mas, o que um aforismo quer dizer? Que é um aforismo? O que um aforismo pode ser? Um axioma, um pensamento, um adágio, um trecho retirado de alguma parte de dado texto. O que pode significar um aforismo do tipo “esqueci meu guarda-chuva” quando inserido como último capítulo de livro sobre os estilos de Nietzsche? São apenas palavras, sozinhas, entre aspas, encontradas – mas, por quem – em fragmentos inéditos de Nietzsche? Em três parágrafos aforísticos ou aforismos *como se* fossem parágrafos, assevera o filósofo: “Talvez uma citação”. “Talvez tenha sido retirada de alguma parte.” “Talvez tenha sido ouvida aqui ou ali”. “Talvez fosse a intenção de uma frase a escrever aqui ou ali” (Derrida, 2013, p. 93).

Talvez, o aforismo “esqueci meu guarda-chuva” aponte para o objeto guarda-chuva ou *algo* num formato de guarda-chuva, “um falo pudicamente redobrado em seus véus, agressivo e apotropaico, ameaçador e/ou ameaçado, objeto insólito que não se acha todos os dias por um simples encontro com uma máquina de costura sobre uma mesa de castração” (Derrida, 2013, p.99). Talvez o retorno de um objeto fetichizado a tomar a cena. Talvez o que importa seja o fato de o ter esquecido e não necessariamente o objeto em si. Esquecer um objeto que simboliza um falo não é *algo* para se esquecer, pois, sempre significa *algo*.

Talvez um dia, com trabalho e com sorte, “poder-se-á reconstituir o contexto interno ou externo de um ‘esqueci meu guarda-chuva’” (Derrida, 2013, p. 96), isto ou disto que me falta. Será necessário um contexto, um meio de produção, uma intenção; será mister lidar com uma restança e com o rastro e subtrair toda questão hermenêutica segura de seu horizonte, haja vista que todo significante envia sentidos a outros significantes num feixe interminável e não se alcança o sentido último. Aqui, estamos à deriva lidando com o rastro do rastro (Bernardo, 1992) e com um guarda-chuva que se (não) esquece.

Um guarda-chuvas e um esquecimento de um guarda-chuvas, *algo* que resta como rastro e abala a hermenêutica, por outro lado, convalida ser a literatura em campo expandido (Kiffer; Garramuño, 2014) a coisa mais interessante do mundo, um certo lugar que nos convida a rasurar a tradição, um lugar em que tudo se pode dizer, um lugar, talvez, em que tudo se pode ouvir: “É interessante pensar como a literatura se sustém e se suspende a partir daquilo que foi durante séculos o seu próprio cerne e questão: a constituição de vozes interiores” (Kiffer, 2014, p. 59).

Talvez um dia, na deriva incessante da significação, talvez um dia porque nunca se saberá, ainda que se busque saber, talvez um dia, “*talvez* que, não podendo jamais constituir-se como *presença plena*, não é nem uma utopia, nem uma abstração, mas antes a *chance* do ‘aqui agora’ onde o outro pode, *talvez*, chegar ou acontecer (Carvalho, 2019, p. 58), seja possível encontrar a mulher, a verdade-mulher. Isso ignorando-se, se possível for, uma deciptagem psicanalítica – deciptar podendo ser “ordenar”, colocar em ordem, ou “decapitar”, descabeçar, guilhotinar –, porque um guarda-chuva, como se sabe, e se sabe porque ele retorna como um sintoma, uma metáfora, um transporte de sentido, *como se sabe*, de um sentido nunca desvelado porque o segredo [o do guarda-chuva esquecido] se mantém deslocado, e não apenas como a lembrança de um guarda-chuva, mas como o “esquecimento da coisa” e “aquilo” que se nos faz falta.

Ainda que um guarda-chuva, *algo* num formato de guarda-chuva, venha a tomar a cena, objeto fetichizado, um fantasma que retorna, ainda que se pareça com um falo, já sabemos que não poderá ser função de gozo. E por quê? A castração configura a impossibilidade estrutural de todo e qualquer objeto empírico ser função de gozo (Zizek, 2010). Marca indecível ou não-marca, margem discreta de consequências incalculáveis, a castração é falta que constitui sujeitos de desejos, tem a ver com a produção de fantasias e a produção de objetos de desejo. Atravessa e é atravessada por um processo de simbolização que indica sermos faltantes e limitados – esquecidos de um guarda-chuva.

Não à toa, Derrida se interessou pelo modo como Sigmund Freud se aproximou do psiquismo, a saber, a partir dos sonhos e de seu modelo de escrita irredutível à palavra falada, comportando como os hieróglifos, elementos pictográficos, fonéticos e ideogramaticados. Qual o convite implícito? Que cada sonhador desenvolva sua gramatologia.

De minha parte, sonho com um pensamento, uma episteme entre aspas, em suspenso, que à moda de um pêndulo foucaultiano não se resolve nem de um lado nem de outro, movimentando-se, embaralhando identidades – portanto, entre a genealogia e a

semiologia, entre a filosofia e a literatura, entre a literatura e a psicanálise, entre a estética e a arquitetura de um guarda-chuva que, talvez, (não) será esquecido. Esse “entre” evoca a mistura e a tensão entre os pensamentos e os gêneros, entre certos pensamentos, pensamentos circuncidados de Derrida e de Nietzsche, de Carla Rodrigues e Rafael Haddock-Lobo, contendo ecos de Mallarmé e Heidegger, de Blanchot e Freud, de Freud e certo freudianismo de Jacques Lacan. *Desde já* uma mistura entre “entres” e não “entes” que: (i) dá a pensar “o que (*se*) passa *entre* dois termos ao mesmo tempo que disjunta um e outro sem, contudo, ser *nem* um *nem* outro (Carvalho, 2019, p. 61); (ii) reconhece similaridade entre discursos capazes de se contraporem ao fonofalocentrismo da linguagem, com seus regimes estaques e binários de separação.

2. Lendo Derrida leitor de Nietzsche

Em conferência de 1972, intitulada “A questão do estilo”, Jacques Derrida desconstrói pares opositivos e, com Nietzsche, num pensamento afirmativo que não se opõe à negatividade, lê a “mulher” como ruína da metafísica. Mais à frente discutirei a metafísica para Nietzsche. Por ora, disse eu, em 1972..., todavia, dobrando, redobrando, em fuga, por detrás de véus e velas, apresso-me, a dizer que o texto ora discutido, *Esporas*, conforme explica a tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues, foi inicialmente publicado pelas edições Corbo e Fiore, na Veneza de 1976, e o livro sobre o qual a tradução se assenta, remete-se, vide prefácio de Maria Cristina Franco Ferraz à *A questão de estilo*.

Repare-se bem, talvez as coisas não sejam tão simples como se nos parecem à princípio, porque os temas e os estilos estão envolvidos em processo de apropriação (apropriação, expropriação, tomada, tomada de posse, dominação, servidão). Como ensina Gayatri Spivak (2017, p. 282), “a própria análise feita por Nietzsche sobre a diferença sexual está aprisionada numa compreensão/incompreensão histórica ou narrativa da ‘propriação’”. O processo de apropriação escapa a toda dialética, como a toda decidibilidade ontológica, logo, oposições como “dar” e “tomar”, “possuir” e “possuído”, “ativo” e “passivo”, são uma espécie de engodo transcendental. Daí que o texto, escrito em 1972, 1976 ou lido sabe-se quando, sabe-se lá por quem, e se lido, portanto, reescrito, traduzido, quando, onde, como, se impresso, sob que impressão, com tal e qual tinta de que máquina, pode sempre permanecer aberto, oferecido e indecifrável, ainda que não se saiba indecifrável, indefinidamente aberto, críptico e paródico, fechado, aberto e fechado, em devir, como um guarda-chuva.

Legível como um escrito, pode sempre permanecer secreto, pode sempre perder e simular uma verdade escondida em suas dobras, em suas fendas, entre *logos* e *theoria*, entre dizer e ver. Noves fora, permanece interminavelmente como “isto” que não é próprio a nada, não decide mais sobre a apropriação da verdade do ser e reenvia qualquer possibilidade de certeza ao sem fundo do abismo da verdade como não-verdade, como dissimulação paródica. Todo esclarecimento acaba por abismar-se em dissimulação e não esclarece nada ainda que esclareça *algo*, porque estamos a lidar com uma paródia discreta, sem impulso dogmatizante.

Toda leitura é uma paródia da verdade, tem um tom bufo, ingênuo, em sua “vertigem de um não-domínio, uma perda de conhecimento⁷” (Derrida, 2013, p. 73). Ler é reproduzir transgredindo, produzir uma sobrevida para o texto insaciável, escrevendo-me, marcando-me, ferindo-me, inscrevendo-me, contra-assinando, numa lógica paradoxal de apropriação e expropriação. Há um dom que fica no processo de leitura, à medida que a morte circula entre os significantes. Há uma promessa de sentido não reapropriável ontologicamente e uma interpelação constante.

Um estilo oscilante de leitura e de escritura, da escritura como diferença, de escritura como interpretação, de leitura como tradução, “uma operação esporeante mais poderosa que todo conteúdo, toda tese e todo sentido” (Derrida, 2013, p. 106), pressupõe um querer dizer, um efeito de uma vontade de potência necessariamente diferencial, dividido, dobrado, multiplicado, desconstrutor, cínico, paródico, irônico. Trata-se de uma leitura/escritura que gira até a obsessão por ampliar leituras e experiências de leituras, interessada em rasurar a ontologia e o reino das certezas. Ocupada em produzir experiências intensas e diversificadas da realidade, ou seja, instigada a intensificar a qualidade das experiências, rasura a estrutura metafísica atrelada ao criacionismo, com seus maniqueísmos “significado/significante”, “sensível/inteligível”, “universal/particular”; contraria as raízes metafísico-teológicas do pensamento, os termos daquilo que nos põe a pensar, daquilo que se nos dão a pensar. Tal estilo não ignora as forças, as pulsões, os desejos, os ressentimentos, a busca pelo reconhecimento, os fantasmas e as fantasias, as projeções e os traumas, secretamente trabalhando no processo interpretativo. O desejo de apagar as cenas da interpretação é tentativa esquizofrênica e inglória de se apropriar da linguagem.

Mas, e a metafísica para Nietzsche? O filólogo trágico alemão, que desviou a verdade da verdade, dizendo-nos, dentre outras, que somos regulados pelo contingente,

⁷ “Perda de conhecimento” não tem semântica negativa, porque ler implica em desposseção, luta e luto que não satura o texto e nem o positiva [no duplo sentido].

instigando-nos a assumir nossa condição trágica, imperfeita e imanente” (Barrenechea, 2014, p. 107), compreendeu a metafísica como um campo de oposições duais regidas pela negatividade. Na contramão dessas oposições, Derrida promove uma interpretação⁸ desconstrutora e afirmativa dos textos do autor de *A Gaia Ciência* (Nietzsche, 2001), convidando-nos a manter distância dos múltiplos véus que produzem um sonho mortal: “este canto, este charme [da mulher-verdade], deve ser mantido à distância; deve-se manter a distância à distância (...) para se proteger contra essa fascinação, mas também para experimentá-la” (Derrida, 2013, p. 31). Poderia dizer que tal interpretação tem estilo oscilante, esporeante, cínico, debochado e irônico. Não busca o desvelamento nem o suporte de ficções teóricas dispensáveis. Antes, é desconstrutora, uma arte do simulacro e da dobra, uma alegria diabólica do *como se* – *como se* um guarda-chuva o fosse, dobrável e desdobrável. As coisas tornam-se incertas – não porque não podemos dar testemunho de veracidade, mas porque todo testemunho, ainda que se queira verdadeiro, é contaminado pela ficção do *como se*. Daí que nem verdade, nem mentira, mas um *como se* sem guarda-chuva protetor, ou *como se* estivéssemos às voltas com um “esqueci meu guarda-chuvas”, e a dificuldade aqui de onde se colocar as aspas, simples e duplas.

355

Logo, nada se resolve “simplesmente com uma aproximação, salvo a arriscar a morte *mesma*” (Derrida, 2013, p. 32). Já “a ‘questão do estilo’, sem dúvida, vocês devem ter reconhecido, é uma citação” (Derrida, 2013, p. 21), citação de coração, de cor, citação de “cor”; com a utilização de metáforas e associações inusitadas, incríveis de se crer, suspendendo o juízo moral e cristão, desenvolvendo ceticismos, para além do bem e do mal, distante de extremismos. Tal estilo não deve cair na armadilha e na sanha desastrosa de encontrar a verdade ou contornar a mulher, promovendo um culto ao pensamento seja lá de quem for, Derrida ou Nietzsche, à cata da verdade e do ser, do centro – do cetro – e do universal, na defesa comezinha, ainda que em desespero ou alienação, dos interesses dos países enriquecidos, os quais, com suas naus arrastaram, além mar, dentre outras, a varíola, o sarampo, a febre amarela, as gripes e os sofrimentos do neoliberalismo.

Buscando desmontar oposições e representações assentadas na interdição / castração, Hélène Cixous (2022, p. 60) problematiza lugares estanques e hierarquizados: “Sendo mulher eu fui ofuscada pela grande sombra do cetro. Disseram-me: adore-o, este, que você não ostenta”. Em *O riso da Medusa* se manifesta contra uma leitura/escrita frágil dos textos, qual seja, aquela que na cadeia de substituições traz de volta o substituído ao objeto

8

último” (Cixous, 2022, p. 75). Infiro que está a nos dizer: não volte ao Pai, ao “pau”, ao “cetro”; ultrapasse os limites do falocentrismo e o mito da castração. Objetivo: libertar análises da dialética, do mecanicismo e da *pharsa* (phallus + farce), da farsa fálica branca e eurocentrada.

Concordemos que uma nau pode carregar um esporão de um barco à vela, ou seja, uma “saliência que se prolonga, visando ao ataque para ferir a superfície adversa”; “uma ponta rochosa que rompe as ondas na entrada de um porto” (Derrida, 2013, p. 24). Tal estilo fálico de se produzir conhecimento, lança-se, se acompanharmos Friedrich Nietzsche (1992), contra asnos e solteironas, homens de ciência mediana, quais sejam, aqueles que não criam nada, inférteis, que não dão à luz, mas que tem a ciência, a matéria e a matriz na ponta da língua. Estéreis de estilo – provavelmente um homem de bem, bem casado, classe média, um homem-sujeito, centrado sobre si, homem da Modernidade e das Luzes, supostamente universal e ególatra, racista universal e religioso, religioso de uma das três religiões abraâmicas, filósofo cavaleiro, apressado em seu passo –, no dizer de Nietzsche (1992, p. 7), “filósofos inábeis, de terrível seriedade e desajeitada insistência que são na arte da sedução”, são de fato, umas solteironas, mulheres solteironas, incapazes de engravidar, de pensar grávidos, de pensar grave.

356

Os teimosos decifradores, enfeitiçados pela presença, pelo conteúdo, pela coisa mesma, na busca do sentido pleno e da verdade, empenhados na compreensão rigorosa de um objeto de análise, buscam o segredo do saber. Todavia, se esquecem – não de um guarda-chuvas –, mas de que um texto é um tecido de rastros, tecido por rastros diferenciais e por envios, envios de cartas, de cartas roubadas, cuja dispersão impede o fechamento dos textos e seus tecidos numa pura identidade em si (Bernardo, 1992). Em seu pensamento binário e ressentido, articulam leituras etnocentradas e identidades essencializadas de defesa. Ocupados com protocolos de leituras e programas de identificações acerca do “certo” e do “errado”, não acolhem o texto como “jogo”, trama de remetimentos, de remetimentos babélicos, como um jogo turbulento e imprevisível. Daí procurarem a estabilidade, a ordem e o progresso.

Em seu pensamento racional e metafísico, não apenas buscam conhecer o ser, mas corrigir o ser, os erros e as contradições do mundo, controlar e aparar as arestas do mundo, postulando a positividade pura, um mundo ideal, que é um ideal de mundo, cuja realidade fixa não prevê deslocamentos, no máximo uma dialética frouxa reduzida à síntese e às leis de uma gramática branca, religiosa, moralista e cartesiana. A viver de antítese em antítese, sem paródia discreta, sem estratégia de escritura, sem diferença, sem um deboche criativo e cínico

porque mecânicos e adestrados, sem um estilo oscilante, são leitores impulsivos, hermeneutas ontologistas que tomam as coisas como um significante que quer dizer algo. Algo do íntimo de um autor, de sua verdade, da verdade, esquecendo-se do texto e de sua restança, do texto e de seus abismos, de seus fantasmas, traumas e tramas, restos esquecidos que retornam, *como se fosse um guarda-chuvas*.

Tomando o pensamento de Florencia Garramuño (2014, p. 99), protocolos de leitura como os descritos acima, se apartam da condição estética contemporânea, cuja forma e especificidade parecem ser conceitos que não permitem dar conta daquilo que nela está acontecendo. Tais práticas e estéticas corroem fronteiras entre territórios, campos e disciplinas, articulam suas escritas de modo heterogêneo, blogs e fotografias, cartas e desenhos, romances e intervenções. Logo, uma leitura disciplinada está fadada ao insucesso porque capta pouco do acontecimento.

Lendo Derrida que lê Nietzsche ao ler os bufões hermeneutas da verdade, se aprende, dentre outras que a diferença sexual é questão regional submetida a uma ontologia geral, à uma ontologia fundamental, à questão da verdade do ser. Isso ao menos em Heidegger e que, essa talvez nem mesmo fosse uma questão porque não há verdade da “diferença sexual”, uma vez que não há “a” diferença sexual. O que ocorre é um *idioma de diferenças sexuais* singulares e inimitáveis que não podem ser apropriadas, definidas ou agrupadas sem *resto*, sem o transbordamento e *deslocamento* “da” verdade (Carvalho, 2019, p. 65).

Como ficaria, então, a verdade em Nietzsche? Ouçamos o Aforismo 381 de “A Gaia Ciência” (Nietzsche, 2001): “existem verdades de particular timidez e melindre, que não podem ser apanhadas senão de repente — que é preciso surpreender ou deixar de lado”. E a verdade em Derrida? Esta permanecerá secreta, não porque detenha um segredo, mas porque este sempre pode lhe faltar. Se em Nietzsche trata-se de uma verdade acolhida de repente, em pleno voo, que não se deixa desnudar, apenas surpreender e, em cuja perspectiva trágica é preciso desenvolver a paródia, ou seja, “o riso ilimitado, a capacidade de rir sem limites, sem culpas, sem restrições” (Barrenechea, 2014, p. 18), num amplo riso, irrestrito, portanto, rir das metafísicas, das morais e das agruras do cotidiano, dizendo “sim” à vida em sua totalidade; em Derrida, a verdade está subsumida em dobras, rindo do hermeneuta e dos seus clubes, seitas e líderes, um riso que atravessa os textos abertos, maliciosos e indecifráveis, textos sem teto ou para-raios, dobrados e desdobráveis, de Nietzsche e Derrida, reparem vocês, como guarda-chuvas.

Antípoda da “vontade de verdade”, a qual rege a tradição filosófica ocidental, nem profunda nem rasa, arredia e avessa a operações ingênuas e dogmatizantes, a verdade é da ordem da dissimulação, do velamento, do pudor, estilo e simulacro. Logo, em *Esporas* dá-se lugar àquilo cuja totalidade sem massa e essência, como um enxerto errático, com notas de rodapé e aforismos, não pretende conquistar “isto que é – feminino” (Derrida, 2013, p. 37). E que não se confunda, reforçaria, o “feminino” com a feminilidade, mas “isso” que flutua entre o masculino e o feminino, como um estilo em torno do qual não se deve articular demais. Que não se articule demais, que não se coloquem os artigos, estancando o gozo de todos os gêneros – “Deixemos o élitro flutuar entre o masculino e o feminino” (Derrida, 2013, p. 23). Que “se articule sem homogeneizar precipitadamente, sem esmagar as instâncias, as estruturas e as leis, respeitando os turnos, os tratos e, ousaria dizer, o diferido da diferença” (Derrida, 2001, p.17).

3. Lendo Derrida que lê Heidegger leitor de Nietzsche

Levemos à sério o que nos contou Jacques Derrida sobre certa leitura de Martin Heidegger. Ocorre que, ao citar uma sequência de Nietzsche – “ela [a ideia] torna-se mulher” (Derrida, 2013, p. 61) –, “como é sempre o caso, ao que parece, [Heidegger] contorna a mulher” (Derrida, 2013, p. 60), e não marca em sua leitura sobre Nietzsche, o devir-mulher da ideia, que esmorece, abandonada.

Eis, pois, a “História de um erro” – de leitura –, ou uma ironia, como apresentada pelo pensador francomagrebino. A história de um erro de verdade, de um erro metafísico sobre o que seria a verdade, um erro que tornou o mundo em fábula, desviando a história de seu espírito trágico. Trata-se de um erro sobre a verdade, sobre a mulher, em um livro sério⁹ que não levou à sério uma representação alegórica, talvez também irônica por parte de Nietzsche, uma leitura do feminino em sua não leitura do feminino – agora por parte de Heidegger ignorando o reconhecimento de uma diferença radical –, da questão da mulher e da verdade.

⁹ Cito Maria Cristina Franco Ferraz (2013), em *Esporas da sedução*: “Derrida assinala um salto ou lacuna na minuciosa leitura efetuada por Heidegger acerca de um conhecido parágrafo de Nietzsche (‘História de um erro’). Derrida mostra como Heidegger seguiu ‘a operação de Nietzsche no que ela pode ter de excessiva aos olhos da metafísica e do platonismo’ (Derrida, 2013, p. 57). Assinala, entretanto, que, ao citar e comentar em detalhes certa passagem da ‘História de um erro’ em que Nietzsche afirma que a ideia ‘se torna mulher’, Heidegger pula, contorna a mulher”.

Não se quer dizer que Heidegger não seja bom leitor de Nietzsche. Não se trata disso, inclusive, é ele quem nos alerta: Nietzsche “busca outra coisa”; todavia, este outro não forma par dentro de uma oposição invertida (Derrida, 2013, p. 56). E as advertências não param: um filósofo, um crítico, um leitor que se pretenda criativo, um leitor-artista e, portanto, não estéril-burocrata, deve estar atento ao rigor do conceito; não se pode dizer qualquer coisa e militar pela não-pertinência simplista do que quer que seja. Deve-se não confundir o “grande estilo” com o estilo “heroico-fanfarrão”, esse pseudo-transgressor, próprio da classe “cultura” e suas necessidades infantis-pequeno-burguesas¹⁰. Ato contínuo, deve-se ler Nietzsche questionando sem cessar a história do Ocidente, o que implica na tarefa pensante de acabar com ilusões seculares e as narrativas históricas de apropriação dominadas pelo homem. Em outros termos, se a história da verdade, se a Metafísica é a história de um erro, não menos o é do que a história de um processo de apropriação da colonialidade que organiza a totalidade do processo de linguagem ou de troca simbólica em geral. Estou a dizer que usamos diuturnamente enunciados ontológicos para falar de uma sexualidade ou de uma verdade, de uma crítica e de uma técnica para ler e interpretar textos, dos quais não saberíamos nada antes da apropriação.

Há uma questão topográfica e não apenas sintática, uma questão de performatividade, quando Heidegger se esquece da mulher. Isso porque, há uma pulsão de poder fálica e masculina em curso, um “eu posso”, “eu digo”, uma perspectiva particular do poder performativo que ordena e organiza o que se poderia chamar de simbólico. Por não haver formulado a questão da mulher, a leitura que Heidegger faz de Nietzsche vacila, titubeia, à deriva em alto-mar e coloca problemas àqueles que trabalham com literatura, leitura, análise, interpretação. Ora, “mulher” é um nome de uma não-verdade da verdade e não sua verdade. Foi isso o que Heidegger perdeu em sua fabulação da verdade.

Quando o filósofo alemão apaga o significante “mulher”, produz um discurso sobre a mulher ou sobre a verdade, uma marca falocêntrica do que não está mais, uma mulher resultado de impressões de uma ausência, condenada, humilhada, desprezada por uma

¹⁰ Mas, “o estilo pode também, com sua espora, se proteger contra a ameaça terrificante, cega e mortal (do) que se apresenta, se dá a ver com teimosia: a presença, portanto, o conteúdo, a coisa mesma, o sentido, a verdade” (Derrida, 2013, p. 24). E por que razões deveria o estilo se proteger? Porque, por vezes, cego, o discurso filosófico e a crítica – literária, linguística, semiológica – deixam-se precipitar à sua perda e se esquecem da mulher ou de um guarda-chuva, ou são omitidos de modo interessado, os vilipêndios e as conquistas sanguinárias da colonialidade, via naus, em sua conquista do chamado Novo Mundo, através de genocídio e do estupro indígena e da escravização e da carnificina de sujeitos negros. Em outros termos, discursos filosóficos e literários, análises do discurso e programas gramaticais, não passam ao largo de uma lógica do condomínio e seu modus operandi segregacionista (Dunker, 2009), podendo reforçar saberes brancos e elitistas, ignorar epistemes ameríndias, afrodiáspóricas, viadas, sapatonas, cuier.

metafísica ainda dogmática. Ao passo que Derrida lê em Nietzsche – em seu a “ideia torna-se mulher” –, um processo, um vir a ser, um tornar-se que rasura a essência da mulher, ou seja, não há verdade da mulher senão um afastamento abissal da verdade, de sua verdade, sendo que esta não-verdade é uma “verdade”.

A verdade é “mulher” na medida em que não crê na verdade, nisto que se crê que ela seja, e que, portanto, ela não é. Por isso, essa mulher não pode ser a “repetição do mesmo”, só se repete alterando-se, repete o que não é idêntico, atravessada pela alteridade do outro com o que/quem contrai uma dívida. Saldar essa dívida é fantasia da Metafísica da presença.

Daí a crítica nietzscheana ao feminismo reativo, qual seja, certo desejo de ocupar o mesmo lugar do homem; mimetizando-o. No entender do escritor de Zarathustra, as mulheres feministas seriam homens do Iluminismo e do Progresso, ou seja, a mulher gostaria, nesta cena, de se parecer com o homem, com o filósofo dogmático, reivindicando a verdade, a ciência, a objetividade, em sua ilusão viril, em seu desejo de virilidade, ação de um efeito de castração. Em outros termos, teríamos uma mulher discípulo-disciplinado do mestre.

Para Nietzsche não se trataria de advogar nem castração nem anticastração porque uma inversão simples lhe tiraria o poder do simulacro, que daria de fato na mesmidade, no falocentrismo, a saber, na crença da tradição ocidental de que um *logos*, uma fala, transmitiria uma verdade. O falocentrismo aponta para uma autoridade e o privilégio do *logos* – “verbo”, “palavra”, “discurso”, “pensamento”, “razão”; possibilidade da verdade e do *sentido* em geral –, pensado em termos de “centralidade” e de “poder de reunião” (Carvalho, 2019). Logo, o feminismo que busca a castração – da mulher / da verdade – tem perda de estilo: “Não é de péssimo gosto que a mulher se disponha de tal modo a ser científica? Até agora a tarefa de esclarecer foi, por felicidade, coisa de homens, dom dos homens, ficava entre nós” (Nietzsche, 1992, p.140). Ora, a mulher do Iluminismo é corroída pela ironia nietzscheana – mulher “científica”, “tarefa de esclarecer”, “felicidade”, “dom dos homens” –, ao passo que a verdade-mulher se dissimula, e ao fazê-lo retira das mãos do masculino o discurso sobre a verdade da mulher.

Sabe-se que em certo momento da história da filosofia, Platão seria a verdade, a ideia: “a ideia era platônica” (Derrida, 2013, p. 63). Tornando-se “mulher” no estilo de Nietzsche e Derrida, a ideia não pode mais ser seguida pelo filósofo ateniense senão como rastro, vir a ser, tornar-se. Afastando-se de Platão e de Heidegger, Derrida vê em “ela [a ideia] se torna mulher” um outro movimento nietzscheano importante, a saber, “torna-se”

significaria “torna-se cristã”. Transfigurada, teria a ver com um castracionismo e seguiria uma práxis inimiga da vida, ao ponto de interpelar os faltantes à extração de um dente, de um olho. Essas metonímias de uma invasão que se dá no corpo, remetem a violências da cristandade, da ideia tornada mulher, segundo o que um cristão deveria arrancar seus olhos caso o escandalizassem, anota Derrida. Ironias e falsos moralismos à parte, por sorte, diz o filósofo da desconstrução, “nenhum cristão age segundo este preceito” (Derrida, 2013, p. 64).

Avançando em sua leitura e se distanciando de Heidegger e de Nietzsche, ou seja lendo contra esses filósofos, Jacques Derrida nos conta que a mulher “é castrada e castra, ela finge a castração – sofrida infligida – para dominar o mestre de longe, para produzir o desejo e, num mesmo golpe (*coup*), que aqui é ‘a mesma coisa’, matá-lo” (Derrida, 2013, p. 63).

Atentemos para a construção, castrada “e” castra, finge “e” infligida, domina o mestre, ou seja, uma verdade-mulher sempre será, paradoxalmente, capaz de nos cativar porque, como Lucrecia, sabe usar um punhal, contra si mesma, contra nós.

Lucrecia, de Lucas Cranach, o pintor germânico, estampa a capa de *Esporas* (Derrida, 2013), tendo em sua mão uma adaga, cuja ponta revirada contra si, denuncia a violação de seu corpo estuprado por Sexto Tarquinio, filho do Rei Tarquinio em 509 a.C. Nesse ato extremo, “furta a identidade própria da mulher, embaralha a identidade sexual”, cativa, prende, pois, “poderia uma mulher nos prender (nos ‘cativar’, como se diz), se não acreditássemos que em algumas circunstâncias ela saberia manejar um punhal?”, pergunta Derrida (2013, p. 35). Com seus seios pequenos, firmes e salientes, na capa do livro, na proa da Nau editora, Lucrecia fita o observador. Bochechas rosadas, a pele clara, suas formas são redondas, a mão esquerda levemente pousada sob os cabelos, seus dedos acolhem anéis, pulseiras e colares lhe adornam o corpo, seus cabelos são ruivos e encaracolados, a cabeça pende para o lado esquerdo e sua boca está levemente aberta, brilhando em vermelho. Na mão direita uma adaga de ponta extremamente fina antevê o último suspiro e acena para o coração, para o centro do peito, logo abaixo, um colar lhe desenha o mamilo, o rosto tem semblante leve, doce, erótico. O umbigo tem desenho delicado, os pelos pubianos são recatados por um pano, um véu. Será ela uma armadilha que cativa e golpeia?

Considerações finais

Se estivermos nos entendendo bem, sem a necessidade de articulações binárias e lógico-causais, sem a colocação de artigos antes dos nomes, devemos estar de acordo que a questão da verdade-mulher “suspende a oposição decidível entre o verdadeiro e o não-verdadeiro”. Daí o convite de Derrida para lermos “a mulher” de Nietzsche não em sua face humana, demasiada humana, como uma mulher empírica, como “a” mulher, mas num *double bind*, ou seja, numa estrutura indecidível de toda marca ou signo. Trata-se, portanto, de “mulher-sempre-mais”, um *plus* de mulher porque nela se inscreve a presença do outro.

Naquela que se quer “um”, esse “um” *desde já* estará parasitado, assombrado pelo outro que lhe constitui (Bernardo, 1992), daí que essa mulher como verdade implicará, ao que me parece, uma verdade pensante, segundo a qual, pensar é colocar em suspenso; parar para pensar; suspender o passo e a marcha. Etimologicamente, “pensar” reporta-se à *pendere*; apontando para um movimento pendular do pensamento, que não se ancora em uma verdade, mas é dado ao abismo; sempre pendente, em dívida, diferido, adiado, a traduzir (Magalhães, 2023).

Logo, se com Nietzsche, desejamos o indecidível, com Derrida, suspendemos a relação com a castração, quer dizer, tensionamos, estendemos, adiamos, diferimos na indecisão, sem álbis ou fetiches essencializantes, a saber, feminilidade, feminilidade da mulher, a sexualidade feminina, a palavra “mulher” ou qualquer outra palavra datada que advogue para si uma centralidade identitária. Aqui, acompanhando Spivak (2017, p. 282) destacamos que “a desconstrução sempre lidou com os limites da epistemologia. Ela vê o ímpeto ontológico como um programa implicado na escritura no nome do Homem”. Conforme a autora indiana, “a desconstrução não visa a uma *práxis* ou prática teórica, mas vive na persistente crise ou desconforto do momento” (Spivak, 1997, p. 277), ou seja, estamos no terreno do espaçamento, da distância mesma, a distância mesma, no abismo da distância, o flutuar do sentido, no flutuar do sentido, à distância temporal e espacial.

Em *Esporas*, a golpes de estilo ou golpes de punhal, a saber, com excertos e enxertos erráticos e paródicos, utilizando-se de aspas e travessões, notas de rodapé e ironias, citação, citação de citação porque tudo se cita e se dobra ainda mais em notas de rodapé, tomando a mulher como seu tema, Derrida com Nietzsche, um filólogo, embaralha identidades – sexual, da filosofia e da literatura –, golpeia a verdade da presença, a verdade presente, coloca sob suspeita a hermenêutica e critica o humanismo metafísico. Tal estilo, exige, ao que me parece, outra formação de subjetividade, haja vista que o sujeito não é dado como autônomo, as experiências se complexificam e apontam para restos, uma sobra, para a

incerteza de saber. Penso haver aqui um convite para nos aproximarmos do caráter oblíquo, elíptico, aforístico e digressivo de Nietzsche e de Derrida, para os quais, a questão do estilo, ou seja, uma tática, uma estratégia de escritura sob a forma de paródia, ironia, dissimulação, a forma *como se diz* aquilo que é dito, pode rasurar um “sistema filosófico, feito de proposições, assertivas e declarações” (Rodrigues, 2020, p. 94), e levar à deriva toda tese, todo conteúdo, todo sentido.

Por outro lado, talvez não se trate de outra coisa que não uma circuncisão em torno do pensamento, do falo, da fala, do pensamento fálico, do pensamento do falo, do pensamento de um filósofo nascido em Argélia, tão distante e tão próximo de nós, tão distante e tão próximo da França, buscando frustrar a abordagem hermenêutica e a metafísica da presença. Ora, circuncidar – com – Jacques Derrida é dar voltas cortantes em seu pensamento – no plural, sempre mais de um, sempre mais de uma. Cortá-lo, marcá-lo, feri-lo, imprimir *algo* nele, o que não se faz sem um estilete, sem um punhal, sem estilo.

Referências

- ALMEIDA, P. S. B. de. **Nietzsche e o controverso ideal de emancipação feminina**. Dossiê II Encontro do GT Filosofia e Gênero. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 39, n.º 2/2021.
- BERNARDO, F. **O Dom do Texto: a Leitura como Escrita (o programa gramatológico de Derrida)**. *Revista Filosófica de Coimbra*. Vol. 1, n. 1, 1992.
- CARVALHO, A. A “**différance sexual**” Escrita e diferenças sexuais no pensamento de Jacques Derrida. *Cadernos de Literatura Comparada*. n.º 39, 12, 2019.
- CIXOUS, H. **O riso da Medusa**. Prefácio de Frédéric Regard; tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos; posfácio de Flavia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- DERRIDA, J. **Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade**. São Paulo: Escuta, 2001.
- DERRIDA, J. **A lei do gênero**. Tradução Nicole Alvarenga Marcello e Carla Rodrigues. *Revista TEL*, Irati, v. 10, n. 2, p. 250-281, jul./dez. 2019.
- DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- DERRIDA, J. **Esporas: os estilos de Nietzsche**. Tradução Rafael Haddock- Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU, 2013.
- DUNKER, C. I. L. **A lógica do condomínio ou: o síndico e seus descontentes**. *Revista Leitura Flutuante*, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2009.

DUQUE-ESTRADA, P. C. (Org.). **Espectros de Derrida**. Rio de Janeiro: NAU Ed., Ed. PUC-Rio, 2008.

DUQUE-ESTRADA, P. C.. **Jamais se renuncia ao Arquivo Notas sobre 'Mal de Arquivo' de Jacques Derrida**. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-16, 2010.

DUQUE-ESTRADA, P. C.. **Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução**. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.). *Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2004.

GARRAMUÑO, F. **La literatura en un campo expansivo y la indisciplina del comparatismo**. *Cadernos de Estudos Culturais*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009.

GARRAMUÑO, F. **Formas da impertinência**. In: KIFFER, A. P. V e GARRAMUÑO, F. (orgs.). *Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014.

HADDOCK-LOBO, R *et al.* (Org). **Heranças de Derrida (vol. 1): da ética à política**. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

HADDOCK-LOBO, R. *et al.* (Org). **Heranças de Derrida (vol. 2): da linguagem à estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

HADDOCK-LOBO, R. *et al.* (Org). **Heranças de Derrida (vol. 3) – da filosofia ao direito**. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

HEIDEGGER, M. **Carta Sobre o Humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

KIFFER, A. P. V. e GARRAMUÑO, F. (orgs.). **Expansões contemporâneas: literatura e outras formas**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014.

KIFFER, A. P. V. **A escrita e o fora de si**. In: KIFFER, A. P. V. e GARRAMUÑO, F. (orgs.). *Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014.

MAGALHÃES, D. (2023). **Enjambement, um lance feminino: entre o “passo de prosa” e o “passo de pomba”**. *Texto Poético*, 19(38), 276–296.

MBEMBE, A. **Brutalismo**. Tradução Sebastião Salgado. São Paulo: 1ª edição; N1 Edições, 2021, 256p.

NASCIMENTO, E. **A literatura à demanda do outro**. In: DERRIDA, J. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

NIETZSCHE, F. W. **Para além de bem e mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PEDROSA, C. *et al.* (Orgs). **Pós-autonomia**. In: *Indiccionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018,p.165-204.

RODRIGUES, C. **Como se não fosse literatura: Derrida, Nietzsche e a questão dos estilos.** *Revista Poiesis*, [S. l.], v. 15, n. 2, 2020.

SOUZA, E. M. de. **A teoria em crise.** *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n 4, 1998.

SPIVAK, G. C. **Feminismo e desconstrução, de novo: negociando com o masculinismo inconfesso.** In: BRENNAN, T. (org) *Para Além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher.* Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.